

Recensão

ROSZAK, T. **O culto da informação**. Tradução e prefácio de José Luiz Airdar. São Paulo, Brasiliense, 1988. 335 p.

A imagem de competência que nos é passada pelo *marketing* persuasivo da indústria e do comércio de computadores, somada à expansão acelerada de suas potencialidades, leva-nos à necessidade de uma profunda reflexão para que identifiquemos com clareza o verdadeiro papel dessa tecnologia em nossa sociedade.

Roszak, professor da Universidade Estadual da Califórnia, nos oferece subsídios concretos para esta reflexão, ao analisar a falência do sonho tecnológico, atacando o mito dos computadores e mostrando todo o seu poder político e as suas formas de dominação. O texto está dividido em dez capítulos e expõe, entre outros, temas ligados ao conceito de informação, ao uso do computador na educação, à capacidade de armazenar e processar informação e a relação entre essa capacidade e o pensamento, a política e a tecnologia da informação.

A principal preocupação desse estudo é com a entrada do computador na educação. Citando exemplos de escolas e universidades americanas, o autor mostra como uma indústria foi capaz de transformar e subverter radicalmente os métodos e os objetivos educacionais, impondo seus interesses de forma agressiva e recebendo, em contrapartida, uma grande receptividade por parte dos educadores. A transformação da educação foi tal que as prioridades escolares passaram a ser ditadas por interesses comerciais. Comentando o uso da linguagem LOGO na educação de crianças, o autor deixa bem claro as várias distorções que o programa apresenta no ensino das artes, da poesia e até da matemática. Os capítulos dedicados à educação apresentam as mudanças ocorridas nas escolas e o abandono dos princípios políticos e filosóficos que até então norteavam o ensino. A capacidade do computador de armazenar e processar informações, muitas vezes comparada com a memória e a inteligência humana é, aqui, colocada na sua real dimensão, mostrando o que faz o computador e o que faz a mente.

RECENSÃO

No capítulo dedicado à política de informação, curiosamente, o autor trata da biblioteca pública que ele considera "o elo perdido da era da informação" e se admira de que a biblioteca tenha ficado "fora do debate do problema da informação, ignorada pelos entusiastas da computação". Defendendo o uso do computador na biblioteca ele afirma que "se os serviços de informação computadorizados têm algum lugar natural na sociedade, esse lugar é na biblioteca pública".

Tratando dos abusos que a tecnologia da informação propicia, como a exploração militar (usos de equipamentos sofisticados para a guerra), exploração industrial (desemprego e destruição dos sindicatos), além da manipulação da opinião pública através de pesquisas, a inteligência artificial etc., Roszak mostra como "através da capacidade de concentrar e controlar informações, o computador se presta com perfeição à subversão dos valores democráticos".

J. L. Aidar, tradutor e prefaciador comenta o texto dizendo: "não temos em mãos uma crítica epistemológica à cibernética, mas uma atenta observação daquilo que Roszak chama de folclore dos computadores, ou seja, a imagem que certos setores ligados à informática e à ciência da computação constroem e vendem como acessório de *hardware* e *software*. Informações fundamentais para podermos situar o funcionamento das gigantescas empresas de tecnologia de ponta na dinâmica do capitalismo avançado."

O texto nos leva a questionar o uso e as limitações do computador que, se não for efetuado criteriosamente, poderá nos levar a situações no mínimo singulares, como a de termos que criar problemas que se adaptem às soluções apresentadas pelos programas disponíveis. Na área da educação, os exemplos são bastante eloquentes e nos mostram que se persistir a tendência apresentada pelo autor, brevemente teremos o que A. Finkelkraut chama de "inteligência da ordem de manipulação, desenvolvida pela brincadeira com a máquina e não uma inteligência do pensamento".

Vera Amália Amarante Macedo
Departamento de Biblioteconomia
Universidade de Brasília